

VERTENTES DO ENTRETENIMENTO: DIVERSÃO, INFORMAÇÃO E UM ESTUDO DE LADY WHISTLEDOWN EM *BRIDGERTON*

Isabella Oliveira Rocha (Aluna)

Fernanda Elouise Budag (Orientadora)

RESUMO

A presente pesquisa versa sobre as funções práticas do jornalismo de entretenimento, tais como a diversão e informação, estudando a ação da personagem ficcional Lady Whistledown como produtora desse tipo de conteúdo no universo de *Bridgerton* (livro e série). A partir dessa reflexão – acionando autores como Dejavite (2006) e Amaral (1987) para uma fundamentação bibliográfica –, traçam-se paralelos com a produção de entretenimento no jornalismo atual e, com esses resultados, desenham-se considerações sobre a prática dessa editoria nos veículos de comunicação: por um lado, promoção do sentimento de pertencimento com o consumo do conteúdo e, por outro, limites éticos do direito à privacidade; e o público receptor mediando os dois lados, fomentando ou criticando.

Palavras-chave: Entretenimento, Lady Whistledown em *Bridgerton*, Jornalismo Cultural e Produção de Conteúdo.

INTRODUÇÃO

O jornalismo se divide em categorias para separar e classificar o conteúdo com base no tipo da informação, no público atingido e em relação às características que a informação expressa enquanto notícia. Tendo em vista essas possibilidades de divisão, o entretenimento se encontra para o jornalismo como informação de lazer e diversão. Ou, conforme a classificação de Luiz Amaral (1994), a imprensa se divide nas funções: política, econômico-social, educativa e de entretenimento.

Dentro do entretenimento há o lazer, em que é possível considerar as práticas que abrangem essa produção e definem a editoria do conteúdo. Tais como assuntos abordados em forma de divertimento, distração e informações relevantes para o conhecimento dessas funções. Evidencia-

se dentro dessa temática, a abordagem sobre cotidiano, lazer, famosos, televisão, cinema, livros, música e arte.

Ao destacar que um dos aspectos da sociedade industrial foi a invenção de um tempo livre voltado ao lazer, Amaral (1987, p. 24) estabelece que grande parte do público compreende a leitura de jornal como uma atividade de prazer. E dessa forma, é necessário de fato um conteúdo que torne esse lazer possível.

Amaral (1987) também defende que os momentos escolhidos para ler esse tipo de notícia envolvem uma situação de repouso, descanso e intervalos que objetivam uma distração consciente e leve. Esse fato torna a editoria um respiro entre notícias mais rígidas e uma forma de equilibrar o consumo jornalístico. Fato que justifica a importância de inserir entretenimento em grandes veículos de comunicação ou de centralizar meios que tenham essa editoria como foco.

Complementando o ponto de vista exposto até aqui, Dejavite (2006) se posiciona em relação às reportagens, analisando que estas podem informar entretendo ou entreter informando. A seriedade do jornalismo mais tradicional se une ao entretenimento como exigência da sociedade atual (DEJAVITE, 2006, p. 83). O autor define a junção da informação com a busca pela diversão, construindo a linha de que é necessário esse equilíbrio na sociedade atual. Além de entreter o leitor, Dejavite propõe que essa ação seja uma prestação de serviços.

No jornalismo contemporâneo é possível inferir que, dentro do entretenimento, a subdivisão “celebridades” traz à tona um questionamento quanto ao desenvolvimento dessas informações. Atualmente é notório o uso do termo “fofoca” dentro de notícias que revelam detalhes da vida de famosos. Esse conteúdo agrada uma parte do público e gera grandes críticas do outro. Independente das opiniões, é uma temática que cresce em meios comunicacionais, principalmente digitais, e compõe parte da editoria de entretenimento.

Além disso, a abordagem de filmes, séries, músicas, cotidiano e arte fomentam as notícias que são usadas para entreter. Utilizando desses temas já expostos, pode-se depreender que, com base neles,

há uma produção de conteúdo específica que tem um objetivo central, como bem define Altheide: reunir, “[...], fornecer avaliações simples e diretas acerca das suas relações e fazê-lo de modo a entreter os leitores” (ALTHEIDE, 1976, p. 112).

Partindo desse contexto, é possível estudar a ação da personagem Lady Whistledown (pseudônimo da personagem Penelope Featherington) no universo de *Bridgerton*, série da qual pode-se analisar a abordagem de fatos do cotidiano. A personagem age como uma produtora de conteúdo em uma coluna de informações sobre os moradores da sociedade londrina naquele período. Suas notícias afetam diretamente a população na trama ficcional e esse tipo de comportamento pode ser visto na acepção do entretenimento dentro do jornalismo atual.

ENTRETENIMENTO: DIVERSÃO E INFORMAÇÃO

Ao aprofundar os estudos sobre o entretenimento, é possível inferir dois conceitos que explicam sua funcionalidade e abrem margem para um novo termo: o infotenimento. Segundo Dejavite (2007), esse campo “é o espaço destinado às matérias que visam informar e entreter, como, por exemplo, os assuntos sobre estilo de vida, as fofocas e as notícias de interesse humano – os quais atraem, sim, o público”.

Tal concepção teve seus estudos solidificados a partir de 1980, quando os acadêmicos da comunicação se atentaram aos termos e reflexos que tal área tem na sociedade. Dessa forma, há uma exploração maior para um conceito que anteriormente versava apenas sobre a ficção e diversão. O entretenimento ganha, assim, um campo informacional; uma vez que o jornalismo se consagra como revelador da verdade, esse tipo de informação diversional encontra-se nesse padrão e se faz necessário dentro da divisão de editorias.

Nesse sentido, temos que uma mesma matéria tem o potencial de informar e entreter ao mesmo tempo. Dessa forma, traz ao público uma notícia que satisfaz a curiosidade e gera interesse no conteúdo, aumentando a imaginação do leitor e causando uma sensação de pertencimento ao

mundo, e ainda informando. Tal ação justifica o interesse em notícias sobre celebridades, televisão e imprensa, por exemplo.

Essa construção gera um novo produto midiático com que o público interage de maneira interessada. Já as pessoas que são alvos desse conteúdo podem ser entendidas como figuras públicas que ocupam o espaço de visibilidade da mídia e são construídas discursivamente (SIMÕES, 2009, p. 75). Ou seja, há novas figuras interessantes no espaço público a ponto de que informações particulares de suas próprias vidas se tornam notícias e possuem um valor relevante. Com tal importância, faz-se necessário um estudo aprofundado sobre a editoria, uma vez que dispara grande crítica quanto a esse tipo de produção.

Dentro dessas críticas, muitos apontamentos são relevantes quando se trata dos limites da ética. Isso se dá quando jornalistas não respeitarem alguns preceitos básicos, em busca de uma incansável e tóxica apuração, para obter mais conteúdo e, conseqüentemente, audiência. Tudo isso sem necessariamente se preocupar com a qualidade e o respeito natural pelas pessoas.

Assim, em detrimento a essas notícias de entretenimento, estabelecem-se críticos que não compartilham da importância da editoria e limitando esta apenas a “fofoca” e “informação fútil”. Por exemplo, para ilustrar esse pré-conceito, conforme constatado pelo Observatório da Imprensa em 2010, uma pesquisa realizada pelo Centro PEW de Pesquisas para a População e Imprensa (2007) revelou que 40% dos americanos criticam e afirmam que há um excessivo espaço dedicado à vida de artistas em comparação com outras informações, como política, saúde e economia. Porém, dentro dos grandes e famosos veículos de comunicação é possível observar que o espaço para o entretenimento é poucas vezes majoritário em relação a outras categorias. No entanto, ainda que menor em termos de espaço dedicado, é evidente sua grandeza em termos de visibilidade. E isso gera incômodo, muitas vezes por não se ter em mente a importância da notícia *light* (e dentro dos limites éticos) em meio a uma seriedade de informações.

O termo *light* se refere a uma nova didática na estrutura da notícia, em que ela se torna informativa, leve e também tem como objetivo a distração do público que a consome. Tal conceito defendido

por Dejavite (2007), evidencia a importância desse “respiro” em meio a outros panoramas presentes nos veículos de comunicação.

A construção desse tipo de notícia abrange o âmbito para além da informação, incorporando também o domínio da estrutura, que pode ser definida como mais tranquila e que entretém informando. Por isso faz-se importante dentro de produções de conteúdo que visam as funções do jornalismo cultural – esfera que podemos dizer que abraça o entretenimento.

Aliás, o jornalismo cultural pode ser definido por Piza (2004, p. 8) como um campo difícil e que guarda pontuações históricas, culturais e de conteúdo: “o jornalismo cultural deve receber um tratamento diferenciado, mas recusa a noção de que seja fácil e simples. Há grandes questões para ele enfrentar. A maior delas, talvez seja a infinidade de oposições, de polarizações”.

Dessa forma, entende-se essa editoria como algo profundo, importante e incisivo na atuação do valor-notícia. Além de ser de interesse do público-alvo, ela conecta-se diretamente com a relevância de outras notícias e consegue ter uma posição de importância dentro da informação que diverte.

O JORNALISMO DE ENTRETENIMENTO NA PRÁTICA E SUAS REPERCUSSÕES NEGATIVAS

A saga de livros *Os Bridgertons* foi lançada no início dos anos 2000. Com nove livros escritos por Julia Quinn, a história se passa na sociedade londrina no século XVIII e revela, de maneira ficcional, os costumes da época, tais como atitudes cotidianas, festas e principalmente casamentos e relações de poder. Em 2020 a história ganhou uma adaptação em forma de série na plataforma de *streaming* da Netflix, com a supervisão da produtora Shonda Rhimes.

Os acontecimentos na vida dos Bridgerton, que totalizam em oito irmãos e uma mãe viúva, são o grande destaque do enredo. No entanto, a personagem Lady Whistledown exerce grande influência e relevância na história. Ela se desenvolve como uma autora anônima que escreve em uma coluna, como se fosse um folhetim, sobre as principais fofocas da sociedade. A figura atua como uma

jornalista não identificada, que apura segredos e depois narra de maneira intrigante e noticiosa para todos na sociedade.

A identidade da personagem é um dos grandes mistérios do livro, que só é revelado no quarto da saga, *Os Segredos de Colin Bridgerton*, em que a personagem Penelope Featherington se identifica como a misteriosa colunista. Já na série na Netflix os telespectadores adquirem essa informação já na primeira temporada – estratégia narrativa que pode evidenciar o papel central da personagem na trama. A atriz que dá vida à figura, Nicola Coughlan, comenta alguns detalhes sobre a construção de tal persona na série.

Ela é a mulher mais poderosa de Londres (...) Muitas vezes, percebemos a fofoca como uma invenção muito moderna - mas realmente não é. Quando as mulheres não tinham agência em suas vidas, isso era tudo para que elas eram consideradas boas. Então, por que ter vergonha de participar disso?. (ENTERTAINMENT WEEKLY, 2022).

Analisando o panorama da atuação da personagem na trama, é possível inferir que a coluna de Whistledown se relaciona diretamente com a produção de conteúdo de celebridades e famosos no jornalismo atual. Isso porque os acontecimentos na vida de importantes personagens da sociedade londrina se tornam notícias. Tal como o início de um noivado, um cortejo, escândalos de corrupção e muitas informações que envolvem alguns agentes sociais.

Por conta disso, esse jornal é completamente interessante ao público. Tanto na série quanto no livro, é possível enxergar a relevância de tal veículo, uma vez que, ao ser publicado, todos se esforçam para ler rapidamente e em seguida comentar; não se restringe apenas às mulheres donas de casa, mas também aos trabalhadores, funcionários, damas e cavalheiros. Todos esses buscam as informações para estarem por dentro da realidade social e ao mesmo tempo para se divertirem com os comentários e a visão perspicaz e apurada de Whistledown.

Tal fato pode ser explicado pela inserção da personagem Sophie Beckett no terceiro livro da saga, *Um Perfeito Cavalheiro* (QUINN, 2001). No início da história, a personagem narra o quanto a coluna de Whistledown acompanhou sua trajetória, ela afirma que suas informações sobre o mercado de casamento nunca eram equivocadas:

Mas quem lia a coluna de Lady Whistledown com frequência suficiente quase podia se sentir parte da sociedade de Londres sem de fato ter ido a qualquer um dos bailes. Na realidade, acompanhar seus textos era um dos passatempos favoritos de Sophie. (QUINN, 2001, p. 26).

O público que acompanha a coluna, de certa forma, torna-se pertencente à sociedade. Isso se deve pela sensação de participação ao ter contato com as informações descritas por Whistledown; revelando, portanto, uma contribuição social simbólica relevante da editoria, afinal, o sujeito ator social comumente persegue práticas visando o alcance de um sentimento de pertencimento que o preencha. A apuração de Whistledown traz uma perspectiva de que ela está em todos os lugares e nos melhores momentos e, quando passado ao público, resulta no sentimento de pertencimento que tal produção de conteúdo proporciona.

Ainda dentro do enquadramento de Sophie, é possível relacionar essa sensação ao fato de no final de sua trajetória, descrita no terceiro livro de *Bridgerton*, a garota exclamar por ter sido mencionada diversas vezes na coluna. Esse recorte pode mostrar um retrato de como a sociedade lida com esse tipo de informação. A pessoa retratada sente-se pertencendo tanto quanto a pessoa leitora.

Muitos seguem com grandes críticas à colunista, tanto na série de duas temporadas na Netflix, quanto nos livros de Julia Quinn. E mais do que isso: a trama relaciona tais pontos com a sociedade atual, em que há críticas, mas também há uma grande aceitação, procura e demanda por esse tipo de informação. Os mesmos que expressam os pontos negativos são os que comentam, procuram saber mais sobre e fomentam a disseminação de muitas fofocas.

Outra observação pode ser analisada da recepção em massa que esse conteúdo recebe. As fofocas, novidades sobre a vida de grandes figuras da alta sociedade e comentários relatando os eventos que acontecem, fazem parte desse conteúdo e são recebidas por todos que consomem o folhetim da coluna. Um exemplo disso são as temporadas de casamentos, em que a Rainha escolhe um diamante – jovem com altas qualidades e de boa família – e, ao finalizar essa escolha, todos se esforçam para ver os comentários de Lady Whistledown na coluna.

Essa rede de compartilhamentos se dá de forma expansiva, em que muitos membros se encontram para comentar e aguardam a opinião de Whistledown como formadora de reações e uma grande crítica dos acontecimentos. Whistledown desempenha, enfim, o papel de formador de opinião, ou líder de opinião (LAZARFELD, 1964), uma vez que, em muitos chás da tarde de madames uma das principais pautas são os comentários do folhetim. Tal evento é explícito principalmente nas cenas de transição da série.

Essa é outra forma de mostrar a relevância dessa coluna inserida nesse contexto, dado que as pessoas ficam ansiosas e esperam seus comentários. Além do fato de que, em meio a grandes acontecimentos, como bailes, as pessoas agem e pensam conforme a expectativa do que Whistledown irá dizer. Diante disso, pode-se enxergar um sistema de troca mútua, em que ela se esforça para produzir e a sociedade demonstra grande interesse em consumir; tal qual na concretude do jornalismo extra ficção hoje.

Em suma, Lady Whistledown, um nome fictício, iniciou sua coluna em 1813 e consagrou a relevância do jornalismo de entretenimento dentro da sociedade ficcional em questão. Seu principal conteúdo se refere às fofocas que as pessoas escondem por trás das cortinas em grandes eventos. Ela também analisa e comenta as negociações para os casamentos, os bailes e eventos que a alta sociedade produz e traz detalhes minuciosos, através da escrita de roupas e expressões, entre outros elementos. Tudo isso contribuiu para que seu veículo seja autêntico, chame atenção e carregue uma alta audiência interessada em fazer parte de tudo isso, através do consumo e das trocas relacionais que são feitas ao conhecer essas informações.

O LADO SOMBRIO DO JORNALISMO DE ENTRETENIMENTO

Ao observar a terceira temporada de *Bridgerton* na Netflix, é possível enxergar claramente os efeitos negativos que Lady Whistledown exerce. Por ser formadora de opinião sobre a alta sociedade, muito do que ela escreve é colocado no cotidiano como forma de intriga. Ela percebe

que seu poder de influência pode mudar alguns padrões da sociedade, mas a verdadeira autora, Penelope Featherington, encontra diversos conflitos ao produzir esse conteúdo. Isso é evidenciado por sua amizade com Eloise Bridgerton, que sofre um grande desgaste pela coluna de fofocas.

Diante de tal fato na ficção, é possível correlacionar com as práticas jornalísticas na realidade não diegética. Em específico, é necessário ter um filtro e versar sobre a ética jornalística para que esse conteúdo não ultrapasse os limites naturais. É possível, no entanto, expor uma situação recente em que o comunicador não soube corresponder com um código de respeito ao próximo e invalidou decisões pessoais. Em junho de 2022 o jornalista Léo Dias insinuou detalhes íntimos de uma decisão particular, decorrente de uma violência sofrida por uma atriz jovem da emissora Globo. Após muitos rumores na internet e o envolvimento do comentário de Antonia Fontenelle, foi descoberto que Klara Castanho deu para a adoção uma criança, fruto de um abuso sexual que a atriz sofreu.

Até então, a história estava restrita a pessoas próximas da artista, que ainda não se sentia confortável para expor tal situação. Após a publicação não autorizada e incompleta das informações, ela utilizou de sua rede social para explicar o ocorrido de forma pressionada. Tal notícia gerou uma grande repercussão, celebridades se posicionaram e muitos telespectadores demonstraram compaixão com o caso. Além disso, o jornalista em questão recebeu uma série de críticas, tanto do público, quanto de colegas da profissão.

Pensando na violação de sua intimidade, pode-se afirmar que o jornalista faltou com o cumprimento de sua profissão, no que tange o cuidado com as informações que apura. Dentro disso, pode se analisar o código de ética do jornalismo, que define claramente no Art. 6º, do capítulo II: “É dever do jornalista divulgar os fatos e as informações de interesse público [...] respeitar o direito à intimidade, à privacidade, à honra e à imagem do cidadão.”

O que pode ser contraditório nessa linha de raciocínio deve-se ao fato da repercussão desta notícia. Uma vez que os mesmos que criticam Léo Dias são também aqueles que dão voz e autoridade para

o seu conteúdo, pelo compartilhamento e por não deixarem de acessar tais informações, independente de seu valor.

“Hoje, a indústria da fofoca e do jornalismo de celebridades disputa a atenção dos leitores com as celebridades”, revela a pesquisadora e professora da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), Issaaf Karhawi (2021). “Então, se antes a gente tinha as perseguições de paparazzi e invasões da esfera privada, hoje as próprias celebridades abrem a intimidade nas redes sociais, nos stories do Instagram, nos posts que fazem”, completa a profissional para a Revista Gama (VILA NOVA; NEIVA, 2021).

Tal efeito revela a contrariedade que tal editoria expressa: ao mesmo tempo que as pessoas utilizam para a diversão, a informação pode ultrapassar limites éticos, que transformam em fatos noticiosos e desrespeitosos, às custas da liberdade de alguns, os dados íntimos de outros. Essa invasão descrita se consagra como um dos lados sombrios da editoria de entretenimento. Retomando *Bridgerton*, é nesse espaço que se dão os conflitos e a necessidade de “corresponder” com as expectativas da alta sociedade, dita pela própria Lady Whistledown.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os pontos analisados pela presente pesquisa, é possível construir um panorama geral que atenda os objetivos centrais da exploração empreendida. Antes de tudo, temos que o entretenimento é visto como uma produção de conteúdo validada dentro das editorias de jornalismo. Mesmo que haja algumas oposições quanto ao seu grau de relevância, é imprescindível a sua existência no cotidiano do público, tal como a sua notória audiência.

Tal editoria se encaixa em funções como lazer, diversão e um suspiro em meio a outras notícias. Pode-se até inferir o termo *light* (DEJAVITE, 2007) – para classificar um conteúdo mais tranquilo – e também contribuir para uma produção que garante ao consumidor um período de leveza dentro de outros pontos a serem consumidos em veículos de informações.

Diante de tais definições, é possível traçar um paralelo direto com a autora fictícia Lady Whistledown. Isso porque a personagem ficcional, que se encontra nos livros *Bridgerton* da autora Julia Quinn e na série original da Netflix, produzida por Shonda Rhimes, exerce uma certa influência na sociedade londrina, ao escrever uma coluna anônima sobre os acontecimentos mais marcantes, de forma quase simultânea.

Esse paralelo se dá na análise de como o entretenimento funciona nos dias atuais, para além de um conteúdo sobre diversão, mas também conhecido como a parte da “fofoca”, ou como são classificadas: notícias sobre celebridades e famosos. Dentro de tal produção jornalística, assim como na obra ficcional, há uma série de questões que envolvem o pertencimento daqueles que acompanham, que se sentem felizes de fazer parte de determinado grupo, uma vez que estão informados sobre o mesmo conhecimento.

Em contrapartida, assim como a Lady Whistledown se envolve em intrigas e expõe a privacidade de muitos indivíduos, é possível constatar tal problemática nessa produção de conteúdo atual. Os profissionais da mídia se perdem nos conceitos da ética jornalística para que alcancem uma maior visibilidade. Em algumas situações o comunicador pode extrapolar os limites do respeito humano, para que alcance engajamento e consiga sair à frente no meio de “furos”.

O entretenimento possui algumas vertentes e quando se analisa a autora fictícia dentro da saga *Bridgerton*, é possível filtrar o conteúdo e reconhecer seus aspectos informativos, de divertimento, os de pertencimento e os problemáticos. Para tal, é necessário também analisar a recepção do público, que se torna o principal agente capaz de dar autoridade a algumas informações e contribuir para a propagação dessas, uma vez que é o responsável principal pela existência de tal produção.

REFERÊNCIAS

DE AGUIAR, Leonel Azevedo. Entretenimento: valor-notícia fundamental. Estudos em jornalismo e mídia, v. 5, n. 1, p. 13-23, 2008.

DEJAVITE, Fabia Angélica. A notícia light e o jornalismo de infotenimento. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2007. p. 1-15.

DEJAVITE, Fabia Angelica. Infotainment. São Paulo: Paulinas, 2006.

VILA NOVA, Daniel; Leonardo NEIVA. Gama Revista. Fofoqueiros Profissionais. 05 dez. 2021. Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/semana/soube-da-ultima/fofoqueiros-de-plantao/>. Acesso em: 06 ago. 2022.

LAZARSELD, Paul. Os meios de comunicação de massa e a influência pessoal. In: SCHRAMM, W. et al. *Panorama da comunicação coletiva*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1964.

QUINN, Julia. Os Bridgertons - O Duque e Eu. Rio de Janeiro: Arqueiro, 2016

QUINN, Julia. Os Bridgertons - O Visconde que me Amava. Rio de Janeiro: Arqueiro, 2016

QUINN, Julia. Os Bridgertons - Os Segredos de Colin Bridgerton. Rio de Janeiro: Arqueiro, 2016

QUINN, Julia. Os Bridgertons - Um Perfeito Cavaleiro. Rio de Janeiro: Arqueiro, 2016

ROCHA, Isabella. Bridgerton | Atores comentam sobre seus personagens na 2ª temporada. 03 fev. 2022. Disponível em <<https://www.nerdsite.com.br/series-tv/bridgerton-atores-comentam-sobre-seus-personagens-na-2a-temporada/>> Acesso em: 06. ago, 2022

SARAIVA, Maria Thereza Oro; CASSOL, Ivone Maria. Realeza na Mídia: O Jornalismo de Entretenimento e a Invasão de Privacidade de Pessoas Públicas.

SIMÕES, Paula Guimarães. A mídia e a construção das celebridades: uma abordagem praxiológica. Logos, v. 16, n. 2, p. 67-79, 2009.